

## CRUZEIRO, O

Revista semanal ilustrada, fundada por Assis Chateaubriand, com sede na cidade do Rio de Janeiro, iniciou sua circulação em 10 de novembro de 1928.

### AS ORIGENS (ANOS 1920)

*O Cruzeiro* nasceu de um projeto do jornalista português Carlos Malheiro Dias, que buscava editar uma revista de circulação nacional, criando assim, a Empresa Gráfica Cruzeiro S.A. Não tendo recursos para pôr em prática seu projeto, Malheiro Dias passou o controle da recém-criada empresa para o jornalista e empresário Assis Chateaubriand. Através de um empréstimo fornecido pelo Banco da Província, de propriedade de Antônio Mostardeiros (recém-nomeado presidente do Banco do Brasil) e intermediado pelo então ministro da Fazenda, Getúlio Vargas, Chateaubriand conseguiu lançar o primeiro número, alargando os horizontes de sua cadeia de órgãos de imprensa, que futuramente seria conhecida como Diários Associados. Em 1927, Vargas não deixou dúvidas quanto ao interesse no potencial político da nova revista.

A proposta de Assis Chateaubriand para a revista era bastante ambiciosa, como o seu lançamento já o denunciava. No dia 5 de dezembro de 1928 (cinco dias antes de o primeiro número chegar às bancas de jornais), quatro milhões de prospectos foram jogados do alto dos prédios da Cinelândia, Rio Branco e Ouvidor, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Anunciavam: “*Cruzeiro*, a revista contemporânea dos arranha-céus!” ou “Sábado! A revista *Cruzeiro* atravessará o Brasil de extremo a extremo”. Impressão em quatro cores pelo sistema de rotogravura, diversas fotografias, a utilização de papel de melhor qualidade, grandes jornalistas nacionais e internacionais, circulação em todas as capitais e principais cidades do Brasil eram algumas das novidades apresentadas.

Com uma tiragem de 50 mil exemplares, o primeiro número da revista *Cruzeiro* (sem o artigo inicial de seu título, que só foi incorporado em 1929) estampava em sua capa o rosto de uma mulher sobre o qual foram colocadas as cinco estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul. Seu nome foi inspirado, segundo o editorial, tanto na constelação, como na nova moeda “em que ressuscitará a circulação do ouro”. Apresentando-se como “a mais moderna revista brasileira” e, portanto, como “o espelho que se refletirá, em períodos semanais, a civilização ascensional do Brasil em todas as suas manifestações”, a revista pretendia “ser o comentário múltiplo, instantâneo e fiel dessa viagem de uma nação para o

seu grandioso porvir; ser o documento registrador, o vasto anúncio ilustrado, o filme de cada sete dias de um povo”.

*O Cruzeiro* teve como primeiro diretor justamente o idealizador da revista, Carlos Malheiro Dias, e como diretor presidente, José Mariano Filho. Apoiou-se em agências em todas as maiores cidades do Brasil, mantendo também correspondentes internacionais em Lisboa, Paris, Roma, Madri, Londres, Berlim e Nova Iorque. Suas páginas eram recheadas de anunciantes de todos os tipos. Com a Metro-Goldwyn-Mayer, por exemplo, firmou-se um acordo de divulgação dos lançamentos cinematográficos na revista, em troca da exibição de anúncios de *O Cruzeiro* antecedendo as projeções de filmes distribuídos pela Metro.

Como uma revista de variedades, suas matérias eram bastante diversificadas, incluindo desde “A evolução da moeda no Brasil”, esporte, moda, contos, poemas, cinema, até o columnismo social (“R. Societ”), charges e caricaturas, acontecimentos e fatos da semana, passando ainda por história, crônicas, concursos de fotografia e cobertura internacional (“Pelas cinco partes do mundo”).

1930-1945

Em setembro de 1929, as convenções partidárias oficializaram as candidaturas presidenciais de Júlio Prestes, pela situação, e Getúlio Vargas, pela oposição. Tendo o então presidente da Paraíba como candidato a vice-presidente, Vargas formava a chapa da Aliança Liberal. Assis Chateaubriand colocou todos os seus órgãos de imprensa a serviço da causa aliancista. No Rio de Janeiro, contava com *O Jornal* e com a revista *O Cruzeiro*. Graças a financiamentos concedidos pelos membros da Aliança Liberal, Chateaubriand lançou mais um jornal popular na capital, o *Diário da Noite*, e em Minas Gerais comprou *O Estado de Minas*, ampliando assim a cadeia dos Diários Associados. Nesse mesmo ano, Assis Chateaubriand aproveitou-se do apoio financeiro dado pela Aliança Liberal para contratar através da firma Oscar Flues e Cia. a importação, dos EUA, de cinco grandes impressoras de rotogravuras em quatro cores — as primeiras no Brasil — para rodar a revista *O Cruzeiro* e imprimir suplementos coloridos para seus jornais do Rio, São Paulo e Minas Gerais.

A campanha da Aliança Liberal percorreu todo o país e, especialmente nas grandes capitais, promoveu grandes mobilizações em seus comícios e manifestações. Contribuiu

para este perfil, inédito no país, de uma campanha política que mobilizava a opinião pública, a dinamização recente da grande imprensa brasileira, então já instalada em bases nacionais. Durante a campanha presidencial, o apoio político de *O Cruzeiro* à candidatura de Vargas-João Pessoa tornou-se evidente pela diferenciação entre a ampla cobertura (cerca de oito páginas ilustradas por fotos a cada edição) das atividades dos candidatos aliancistas, contra o espaço restrito da candidatura oficial, que tinha de pagar para estar nas páginas da revista.

Após a realização do pleito presidencial, em março de 1930, com a vitória da candidatura de Júlio Prestes, parte das forças que apoiaram a campanha da Aliança Liberal passou a conspirar em torno de uma saída insurrecional para o processo, de forma a impedir a posse do presidente eleito. Naquele momento, segundo Fernando de Moraes, o prestígio de Assis Chateaubriand junto ao alto comando aliancista “não era apenas um reconhecimento pelos serviços prestados por seus jornais e *O Cruzeiro* à causa da Aliança Liberal. Ele era efetivamente considerado um dos membros do primeiro e mais fechado círculo da conspiração”.

Foi naquele contexto que o assassinato de João Pessoa — um crime passionai, embora cometido por um adversário político, ocorrido em 26 de julho de 1930 numa confeitaria do Recife — foi explorado pela rede dos Diários Associados, como uma grande arma política contra o governo e o presidente eleito Júlio Prestes. Acusando o governo federal pelo crime, *O Cruzeiro*, durante quase um mês, publicou matérias ricamente ilustradas sobre a morte e os funerais de João Pessoa. Em 3 de outubro do mesmo ano, começou o levante militar que 21 dias depois depôs o presidente Washington Luís e instalou uma junta governativa, que entregou a presidência da República a Getúlio Vargas em 3 de novembro.

Instaurado o Governo Provisório, *O Cruzeiro* definiu o movimento, em editorial da edição de 8 de novembro de 1930, como a “Revolução triunfante”. A capa daquela edição não deixou qualquer dúvida sobre o apoio ao Governo Provisório; trazia estampada uma foto de Getúlio Vargas e a manchete “Um sorriso que promete a vitória”. Em matéria no corpo da revista, afirmou-se que “as forças armadas e a população do Rio de Janeiro restauraram a paz do Brasil”. O sinal mais evidente do tom triunfalista da revista foi dado, na mesma edição de 8 de novembro de 1930, pela mudança na numeração de *O Cruzeiro*.

Aquele passou a ser o número 1 (apesar do ano III) da revista, evidenciando que, como o país, *O Cruzeiro* também renascia com a Revolução. No final do ano, *O Cruzeiro* lançou uma edição especial: “A revolução nacional: documentos para a história”, onde publicou o seguinte juízo: “A grande revolução, que se ultimou pelo triunfo estrondoso do candidato da Aliança Liberal, teve na eleição presidencial de março o seu prólogo combativo e sua gênese vitoriosa.”

Ainda em 1930, *O Cruzeiro* lançou seu primeiro concurso de beleza. Através de ampla propaganda e de um número especial, a revista promoveu a eleição da miss Universo 1930, em disputa realizada no Rio de Janeiro. Com o concurso, que a partir daí passou a ser uma das marcas registradas da revista ao longo de toda a sua existência, a tiragem de *O Cruzeiro* subiu para 80 mil exemplares.

A harmonia entre o Governo Provisório de Vargas e os órgãos de imprensa de Assis Chateaubriand não durou muito. Ligando-se ao grupo de Lindolfo Collor, João Batista Luzardo e Raul Pilla, Chateaubriand passou a referir-se, em fins de 1931, àquela fase do governo Vargas como o início de uma ditadura, engrossando assim o coro dos que defendiam uma rápida reconstitucionalização do país. *O Cruzeiro*, apesar de seu perfil dominante de revista de variedades, voltou a ganhar um tom de comprometimento mais direto com a política, tornando-se em 1932 um veículo da propaganda da reconstitucionalização. Assim, transformou-se rapidamente, cobrindo semanalmente os atos cotidianos do governo e os fatos da conjuntura política. A revista de costumes, voltada para os problemas da família e do lar, abriu espaço ao semanário ágil e politizado.

Pelo apoio à Revolução Constitucionalista de 1932, Assis Chateaubriand teve sua deportação decretada. Escapando, permaneceu vários meses refugiado no interior do país. . Os desdobramentos da luta em São Paulo foram acompanhados pela revista, apesar de forte censura. No final do ano, *O Cruzeiro* saiu de circulação por um mês, sob pressão do governo. Durante a ausência de Chateaubriand, a tiragem da revista caiu para 20 mil exemplares.

Com a instalação da Assembleia Constituinte em novembro de 1933, o proprietário de *O Cruzeiro* retornou à cena pública e retomou o controle de *O Jornal* (que havia sido confiscado pelo governo em 1932). Nessa época, Assis Chateaubriand reconciliou-se com Vargas. A partir daí, e durante toda a década de 1930, novos esforços foram aplicados para

o revigoramento de seus jornais e principalmente de *O Cruzeiro*.

Carlos Malheiros Dias deixou a revista que havia idealizado no início dos anos 1930. Através de contratos publicitários, com destaque para o firmado com a General Electric do Brasil, que permitiram a compra de novo maquinário, *O Cruzeiro* ganhou novo impulso, capitaneando o reerguimento dos Diários Associados. Dando curso ao movimento de modernização da revista, Assis Chateaubriand convidou Dario de Almeida Magalhães para a presidência de *O Cruzeiro*. A partir de 1934, com a chegada de Dario, alguns nomes consagrados e outros que mais tarde foram aclamados como a nata do jornalismo, da literatura e das artes plásticas no país passaram a colaborar com a revista: Manuel Bandeira, Graça Aranha, Viriato Correia, Davi Nasser, Edmar Morel, Carlos Castelo Branco, Cândido Portinari, Aldo Bonadei, Anita Malfatti, Ismael Néri, Di Cavalcanti e mais tarde Otto Maria Carpeaux, que durante alguns anos atuou como redator da revista, entre outros.

Em 1937, Assis Chateaubriand esteve novamente na oposição a Getúlio Vargas, apoiando a candidatura de Armando Sales à presidência nas eleições previstas para janeiro de 1938. Porém, a decretação do Estado Novo alterou novamente o relacionamento de Chateaubriand e seus órgãos de imprensa, com o governo. Adaptando-se à nova realidade política, *O Cruzeiro* abriu suas páginas à divulgação dos feitos de Vargas e do regime ditatorial, transformando-se em mais um veículo a serviço da propaganda do Estado Novo.

A partir de 1943, sob a direção de Frederico Chateaubriand, *O Cruzeiro* atingiu aquela que foi considerada a sua melhor fase. Freddy Chateaubriand foi o responsável pela contratação do fotógrafo francês Jean Manzon. Com Jean Manzon, *O Cruzeiro* alterou sensivelmente seu aspecto editorial, criando uma nova estética na distribuição das fotos em suas páginas. Ex-repórter fotográfico da revista *Paris-Match* e do diário *Paris Soir*, e com larga experiência na área, Manzon ao chegar ao Brasil, em 1942, foi convidado a montar o departamento de fotografia e cinema do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão encarregado da censura à imprensa e propaganda do regime no período do Estado Novo. Ao lado de Davi Nasser, que foi para *O Cruzeiro* por sua indicação, Jean Manzon, durante quase 15 anos, esteve à frente das grandes reportagens, que passaram desde então a ser o carro-chefe da revista. Este novo padrão foi inaugurado com uma grande matéria sobre os índios xavantes que marcou época, sendo considerada por muitos como o ponto de partida da redescoberta do índio brasileiro.

A dupla Manzon-Nasser foi apenas uma das aquisições da equipe de *O Cruzeiro* sob a direção de Frederico Chateaubriand, nos anos 1940. Néelson Rodrigues, Franklin de Oliveira, Joel Silveira, Hélio Fernandes e Millôr Fernandes eram alguns dos jornalistas contratados dos Diários Associados que atuavam em *O Cruzeiro* naquele momento de expansão da revista. Millôr seria o responsável — sob o pseudônimo de Vão Gogo — pelo texto da seção humorística Pif-Paf, outro grande sucesso da revista na época. Péricles foi o responsável pelas ilustrações de Pif-Paf, em seus primeiros anos. Ele foi o autor, também, do mais conhecido personagem do desenho de humor brasileiro — o Amigo da Onça — publicado nas páginas de *O Cruzeiro* a partir de outubro de 1943, continuando a ser produzido pela equipe de desenhistas da revista mesmo após a sua morte em 1961.

Na área de cinema, a introdução de entrevistas ilustradas com astros internacionais das telas, acompanhou a vigorosa expansão do cinema norte-americano no Brasil dos anos 1940. A cultura nacional, porém, continuou a marcar presença nas páginas da revista, através dos textos de Raquel de Queirós, Gilberto Freire e José Lins do Rego, por exemplo.

1945-1964

Em 1945, Chateaubriand e sua imprensa apoiaram a redemocratização do país e atacaram Getúlio Vargas. A cobertura da deposição de Vargas, em outubro de 1945, ganhou destaque em *O Cruzeiro*, contando com reportagem de Manzon-Nasser sobre o último dia do presidente no Catete. Na campanha eleitoral, Chateaubriand apoiou o candidato da União Democrática Nacional (UDN), brigadeiro Eduardo Gomes, com anúncios publicados gratuitamente na revista e nos jornais da rede dos Diários. Ainda assim, as referências ao candidato do Partido Social Democrático (PSD), o general Dutra, foram sempre elogiosas. Com a vitória de Dutra, e sua posse, em janeiro de 1946, os órgãos dos Diários passaram a apoiar o novo governo, sob o argumento da conciliação nacional.

A segunda metade da década de 1940 e os anos 1950 foram a época de ouro de *O Cruzeiro*. O sucesso da publicação podia ser medido pela expansão de suas tiragens: dos duzentos mil exemplares, ainda nos anos 1940, a revista atingiu a média de 550 mil exemplares em meados da década de 1950, patamar que seria mantido até o início dos anos 1960. O recorde de setecentos mil exemplares seria atingido na edição que circulou dois dias após o suicídio de Vargas em agosto de 1954.

A expansão do parque gráfico que produzia a revista, com a compra de oito

rotativas em cores e 12 impressoras, em 1946, deu suporte a este crescimento das tiragens. Também o corpo de jornalistas da revista continuou a reunir os melhores nomes da imprensa nacional. Em 1947, Samuel Wainer foi contratado e passou a produzir algumas das mais destacadas reportagens da época. Na área internacional, cobriu a formação do Estado de Israel e no país fez a cobertura da vitoriosa campanha presidencial de Getúlio Vargas, acompanhando o regresso do antigo ditador à cena política, desde o “exílio” em São Borja até a posse no Catete, em janeiro de 1951.

Em seu período áureo, *O Cruzeiro*, manteve a tradição de cobertura da vida literária do país. Além de continuar a reunir diversos literatos de renome entre seus colaboradores, passou a publicar, em 1948, a já então famosa coluna “Os arquivos implacáveis” de João Condé. Condé permaneceu escrevendo para a revista por 19 anos.

Já em 1950, percebendo as dificuldades da candidatura udenista do brigadeiro Eduardo Gomes, Chateaubriand apoiou discretamente a campanha de Getúlio. As entrevistas de Samuel Wainer com Vargas em São Borja, publicadas com apelos sensacionalistas por *O Cruzeiro*, foram fundamentais para que o ex-presidente pudesse lançar-se candidato.

Logo nos primeiros momentos do segundo governo Vargas, entretanto, Chateaubriand voltou à oposição, passando inclusive a atuar no Congresso Nacional, para o qual se elegeu senador, em 1952, pela Paraíba. *O Cruzeiro* fez propaganda aberta da candidatura de seu proprietário. O principal ponto de discórdia público de Chateaubriand com Vargas foram as propostas nacionalistas de setores do governo, em especial as que desaguaram na criação da Petrobras, a partir da campanha “O petróleo é nosso”, atacada pelo dono de *O Cruzeiro* através de todos os seus periódicos. No campo específico do jornalismo, Chateaubriand tinha outro grande motivo para atacar Getúlio: o apoio do presidente ao ex-repórter de *O Cruzeiro*, Samuel Wainer, para que este criasse o jornal *Útima Hora*, denunciado como escandaloso desvio de dinheiro público pela cadeia dos Diários.

Em 1952, as sete páginas da reportagem “Os últimos dias de Eva Perón” foram um exemplo da capacidade de *O Cruzeiro* em competir mesmo com a imprensa internacional na cobertura de grandes eventos. Este investimento jornalístico ampliou-se com a criação de *O Cruzeiro Internacional*, escrito em espanhol, que circulou no Uruguai, Paraguai,

Argentina, Chile, Peru, Venezuela, Bolívia, repúblicas do Caribe e sul dos Estados Unidos. Para viabilizar a revista, organizou-se uma redação específica, dirigida por Wilson Aguiar e Odilo Costa Filho, que contava com repórteres cruzando o Prata e margeando o Pacífico em busca de reportagens, além de jornalistas sul-americanos trabalhando na edição do texto da revista de forma a adaptá-lo às peculiaridades da língua, respeitando as diversidades nacionais. Em 1957, *O Cruzeiro Internacional* alcançou a tiragem de 307 mil exemplares.

Na crise que se seguiu ao atentado contra Carlos Lacerda na rua Toneleros, em 5 de agosto de 1954, *O Cruzeiro* teve papel destacado na cobertura dos acontecimentos.

O suicídio de Getúlio seria documentado em *O Cruzeiro* com um furo de reportagem de Arlindo Silva, que estava no palácio do Catete e documentou em primeira mão o fato. Além da reportagem de Arlindo Silva e das fotos de Vargas em seu leito de morte, a revista que circulou com data de 4 de setembro trazia ainda matérias sobre os protestos da população carioca e a comoção popular durante o enterro.

Nos anos seguintes, a revista seguiu espelhando as oscilações políticas de seu proprietário, que apoiou sem muito alarde a candidatura de Juscelino Kubitschek à presidência da República, em 1955. Nas eleições seguintes, o marechal Lott seria o candidato apoiado pelos Diários, que se colocaram contra Jânio Quadros quando este venceu as eleições de 1960. Os jornais da rede e *O Cruzeiro* mantiveram uma posição de apoio à posse de João Goulart, quando do episódio da renúncia de Jânio, em agosto de 1961. O apoio de Chateaubriand ao novo presidente, entretanto, não duraria muito tempo.

Entre 1959 e 1961, a revista entrou numa fase de decadência. A crise financeira sofrida pela cadeia dos Diários Associados começou a refletir-se em *O Cruzeiro*, que passou a economizar na produção, substituindo as grandes reportagens por matérias pagas, cada vez mais frequentes e visíveis. Os primeiros a deixar a revista foram justamente aqueles que estiveram por trás de sua ascensão 15 anos antes. Após desavenças frequentes com os novos administradores das empresas jornalísticas de Chateaubriand, Freddy Chateaubriand deixou a revista para trabalhar em jornais dos Diários e Jean Manzon demitiu-se, passando a trabalhar para *Manchete*, a maior concorrente de *O Cruzeiro*, criada por Adolfo Bloch. Mais de 15 dos principais jornalistas da revista demitiram-se ou foram mandados embora nesta fase. A queda na qualidade da revista refletiu-se na vendagem.

*O Cruzeiro* enfrentava também problemas de forma. Para Nadja Peregrino, o nó do



problema encontrava-se na “incapacidade de renovação do gênero jornalístico de *O Cruzeiro*, petrificado em formas anteriores que não surtiam efeito na década de 60”, principalmente com o advento da TV.

#### 1964-1981

Durante o governo de João Goulart, *O Cruzeiro* esteve na oposição como os demais órgãos dos Diários Associados. Chateaubriand participou ativamente da conspiração contra Goulart. Através da figura de Davi Nasser, que além de principal redator tornou-se diretor, a revista ocupou-se em atacar principalmente o deputado Leonel Brizola, acusando-o, em artigos semanais, de corrupção. Na ocasião do golpe militar, *O Cruzeiro* demonstrou que estava perdendo o seu fôlego. A edição de 4 de abril de 1964 estampou em sua capa uma foto da artista Brigitte Bardot, além de trazer uma matéria sobre o Comício das Reformas, do presidente já então deposto João Goulart, não mencionando os acontecimentos de 31 de março e 1º de abril. Em 10 de abril de 1964, foi posta nas bancas finalmente a edição extra, com o título “Edição histórica da Revolução”.

A partir de meados dos anos 1960, a decadência de *O Cruzeiro* já era bastante visível. Desde fins do governo de Juscelino Kubitschek, os Diários Associados não tinham acesso a qualquer financiamento vindo dos cofres públicos. Com a concorrência crescendo vertiginosamente, tornou-se cada vez mais escassa a publicidade paga na revista.

Com o falecimento de Chateaubriand, em 4 de abril de 1968, ampliou-se uma crise em torno da direção dos Diários Associados, que teve origem nove anos antes, quando Chateaubriand havia iniciado um processo de partilha do controle acionário das empresas entre 22 de seus auxiliares. Entre os envolvidos no conflito, nos anos 1960, encontravam-se Gilberto Chateaubriand (filho de Assis Chateaubriand) e o presidente dos Diários Associados, João Calmon. A crise aberta com a morte de Chateaubriand abalou ainda mais as estruturas da revista

Quando *O Cruzeiro* deixou de circular em 1975, suas máquinas foram vendidas. Seu valioso arquivo foi entregue ao estado de Minas e, como última liquidação, o próprio título foi entregue, como pagamento de dívidas trabalhistas a um diretor de publicidade. Seu ressurgimento em 1979 nada mais tinha a ver com os Diários Associados, mas com seus novos proprietários, Hélio Bianco e Joaquim José Freire Lagrecia. A revista circulou ainda por cerca de um ano, mas sofrendo dificuldades financeiras, passou para as mãos da

Editora Von Baumgarten Indústria e Comércio Ltda., com José de Anchieta Távora na direção. Pouco depois, porém, foi comprada por A. A. Editores Associados Ltda., tendo como diretor presidente Antônio Abissâmara. *O Cruzeiro* desapareceu definitivamente em 1981.

Entretanto, *O Cruzeiro*, em outubro de 1982, voltou a fazer parte das manchetes em bancas de jornais em todo o país. No dia 25 daquele mês, foi encontrado o cadáver de Alexandre von Baumgarten — que havia dedicado seus últimos anos de vida a tentar reerguer a revista. Baumgarten, sua esposa Janete Hansen e o barqueiro Manoel Valente Pires estavam desaparecidos desde o dia 13, quando teriam embarcado na traineira *Mirini* para uma pescaria. A morte de Baumgarten, noticiada primeiramente como resultado de afogamento e mais tarde apresentada como um assassinato a bala, ganhou notoriedade em fevereiro do ano seguinte, quando a revista *Veja* publicou um dossiê escrito pelo jornalista em 1981, após a falência de *O Cruzeiro*, em que relatava seus contatos com o Serviço Nacional de Informações (SNI) desde 1979, quando buscou o apoio do órgão de informação para reerguer a revista. No dossiê, Baumgarten reuniu 21 documentos, em 74 páginas, tentando mostrar que as dificuldades da revista, suas relações com o SNI e as negociações de que participava davam amparo ao temor de ser eliminado pelo órgão ou seus agentes. Citava nominalmente o ministro-chefe do SNI, general Otávio Medeiros, e o chefe da Agência Central do serviço em Brasília, general Newton Cruz, apresentando dúvidas sobre qual dos dois teria decidido a sua eliminação.

A divulgação de outros dossiês, semelhantes entre si, por jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo ampliou as especulações sobre a morte do jornalista, abalando a imagem tanto do SNI, quanto dos seus dirigentes. A polícia, entretanto, ignorou os dossiês na investigação do crime, cujo inquérito não resultou em conclusão sobre quem fora o assassino.

*Muza Clara Chaves Velasquez*

FONTES: *Cruzeiro* (1928-1981); FAUSTO, B. *História do Brasil*; Larousse Cultural; MORAIS, F. *Chatô; Nosso Século* (1945-1960); PEREGRINO, N. *Cruzeiro*; SILVA, M. *Prazer*; SODRÉ, N. *História da imprensa*.